

Essa especialista diz que só proibir celular na escola não resolve; entenda por quê

 estadao.com.br/educacao/celular-nao-se-compara-ao-cigarro-e-so-proibir-nao-resolve-diz-especialista-em-educacao-midiatica/

Por Renata Cafardo

06/01/2025 | 14h30Atualização: 13/01/2025 | 17h40

É preciso olhar além da proibição dos celulares, diz a presidente do Instituto Palavra Aberta, **Patrícia Blanco**, especialista em educação midiática. Ela argumenta que, apesar de a lei, sancionada pelo Presidente Lula nesta segunda-feira, 13, trazer a correta mensagem de que não deve haver uso recreativo dos dispositivos na escola, não se pode achar que é uma questão resolvida.

“Se regular é preciso, educar é urgente”, afirma, em entrevista ao **Estadão**. Precisa desenvolver as habilidades necessárias para o uso seguro e responsável da tecnologia, para que os estudantes entendam como funcionam os algoritmos, para que crianças e jovens criem maturidade e autonomia no uso. E a escola é um espaço importante para essa discussão.”

Ela afirma temer que esse debate seja “empurrado para baixo do tapete” com a proibição dos celulares nas escolas e fique apenas para responsabilidade dos pais, que não estão necessariamente preparados para isso.

Mais de 90% dos adolescentes de 15 a 17 anos e 67% dos de 9 e 10 anos no País já têm celular próprio, diz a pesquisa **TIC Kids Online Brasil**, feita pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). “Eles já estão usando fora da escola. Precisa mostrar as consequências, falar sobre o impacto, trazer a discussão sobre riscos.”

Patrícia também diz que discorda da comparação entre celular e cigarro, por causa do vício inerente aos dois. “É uma comparação simplista. O celular com internet tem coisas positivas e o cigarro não tem nenhuma”, afirma. “Há muita coisa positiva sendo criada a partir do domínio da tecnologia, das ferramentas de produção e difusão de informação. Claro que há o problema de saúde mental, mas também tem de olhar a metade cheia do copo.”

Como você avalia a proibição dos celulares nas escolas?

Vejo de duas formas. A primeira delas é organizar o uso do dispositivo nas escolas. Cada uma pensava de um jeito, cada rede também, então cria uma regra única. Agora está proibido o uso de dispositivo eletrônicos com acesso à internet durante o período escola. Tem também o lado positivo de restaurar o poder do professor em dizer: não é hora de usar o celular em sala de aula. Fica claro que não tem espaço na escola para uso recreativo do dispositivo. Mas tem de olhar o que vem depois da proibição. As pesquisas mostram que a frequência de uso do celular se dá muito mais fora do ambiente escolar, a população de 9 a 17 anos usa em casa. Como é que a gente vai tratar a questão do uso seguro, consciente, responsável do dispositivo, fora do ambiente da escola? As famílias estão preparadas para esse desafio?

Acredita que a responsabilidade vai acabar indo só para as famílias?

É uma responsabilidade compartilhada. Mas pelo fato de a escola ser um local de educação, ela poderia introduzir a temática do uso seguro consciente do dispositivo, com intencionalidade pedagógica, ao longo do tempo. Quando tira isso totalmente da escola e transfere exclusivamente para ser debatido no ambiente familiar, pode perder a oportunidade de tratar dessa temática, que faz parte da vida de todo mundo. O celular é inerente à tecnologia. Tem de olhar a proibição como primeiro passo. Mas não pode deixar de pensar o que a gente pode fazer agora para possibilitar o desenvolvimento das habilidades necessárias para o uso seguro e responsável da tecnologia. E a escola pode ser um espaço muito importante para essa discussão. Faz parte da Base Nacional Comum Curricular (*a BNCC, documento do Ministério da Educação que define os objetivos de aprendizagem para todas as escolas do País, em todos os níveis do ensino básico*) o desafio de educar a sociedade para o uso seguro da tecnologia.

Você acha que vai haver essa discussão nas escolas?

Quando proíbe qualquer dispositivo ligado à internet, o risco é empurrar para debaixo do tapete um tema. Simplesmente saiu da minha mão; não preciso mais falar. Essa é a reflexão que precisa fazer, para apoiar a escola, o professor, para que ele tenha instrumentos para trazer essa temática independentemente se tem um dispositivo na mão ou não. Para tratar do tema dentro das necessidades de se educar para o século 21. Se regular é preciso, educar é urgente.

As pesquisas mostram também que a maioria das crianças e adolescentes já tem celular próprio a partir dos 9 anos. A gente não está preparando para esse uso. A gente está dizendo só 'ok, tira da escola'. Sim, ele distrai na aula, tem efeito viciante. Mas a gente vai criar espaços para que haja a introdução da educação midiática, para que os jovens que cada vez mais cedo têm acesso a dispositivos possam criar maturidade, desenvolver autonomia? Estamos preparando para um uso responsável, seguro, ético

da tecnologia, para a utilização da inteligência artificial? Para entender o que está por trás dos algoritmos? Ensinando o que é uma informação que precisa ser checada, um conteúdo publicitário, um conteúdo orgânico?

E não dá para ensinar isso tudo sem usar o aparelho?

Um ponto importante é que a criança e o jovem já estão usando o celular sem ter habilidade necessária para analisar criticamente o uso. Lógico que existem diversos instrumentos que você pode utilizar offline, jogos, cartas em que você introduz o desenvolvimento da análise crítica. Mas precisa também pegar o dispositivo e fazer com que ele tenha essa habilidade digital. Por exemplo, pedir para que aluno fazer uma pergunta em um buscador e interpretar a resposta, para entender a questão do algoritmo. Mostrar que o primeiro resultado pode ser uma publicidade, e nem sempre é o mais correto ou melhor, pode ver que no dispositivo de uma pessoa o resultado é diferente do da outra. São exercícios de análise crítica do resultado que mostram que o algoritmo é baseado nas suas escolhas, no seu histórico de navegação e isso você não consegue fazer sem o dispositivo. Quando fala sobre a arquitetura do ambiente digital, precisa do digital, senão vai falar só em teoria.

Você falou que a responsabilidade também tem de ser compartilhada com os pais. Qual deve ser a participação deles?

Os pais e as mães precisam pensar: meu filho tem autonomia para já ter um celular com 5 ou 6 anos? Precisa de celular próprio? Quais são os controles de acesso que estou restringindo? Tem uma navegação segura? Sei fazer o controle parental? Cada família é uma, tem seu contexto, tem questões de maturidade da criança, que é diferente em determinadas idades. O ponto é que a proibição na escola não tira a responsabilidade de educar para o uso e isso precisa ser algo dividido. É compartilhado entre o governo que dá regra, a escola que educa, famílias que buscam uma navegação mais segura, que entendem também o seu papel de checar, acompanhar a navegação do seu filho. Uma ação coletiva mesmo.

O que acha dos movimentos que pedem que não se dê celulares próprios antes dos 14 anos?

Não concordo em colocar uma idade mínima sem considerar as peculiaridades, as diferenças e a necessidade de cada família, de regiões. Há famílias que precisam do dispositivo para acompanhar porque a criança fica muito tempo sozinha, pega transporte público. Há outras em que a criança precisa de atenção especial por questões de desenvolvimento, de saúde. Traçar uma idade pode ser um balizador para dizer que vamos tentar segurar o máximo que puder. Mas não dá para achar que se

esperar até os 14 anos a criança estará pronta, sem nunca ter tido nenhum tipo de acesso, nunca ter desenvolvido ao longo do tempo essa maturidade para ganhar autonomia aos poucos.

E o que acha da proibição de redes sociais para menores de 16 anos aprovada na Austrália?

As pesquisas mostram que crianças de 9 a 11 já têm perfil próprio na rede, ou seja, burlam as regras das plataformas, que só permitem acima de 13. As plataformas não fazem o devido controle etário. Qualquer criança com mais habilidade digital coloca lá que nasceu em 1971 e consegue criar o seu perfil. Precisa ter regramento do controle etário, mas também entendimento da família que um perfil de adolescente precisa de acompanhamento. Com relação à Austrália, é preciso saber se a proibição vai empurrar esses jovens para entrar na deep web (*camada da internet visível só com navegadores especiais, onde muitas vezes há crimes e compartilhamento de pornografia*) para perfis falsos. Claro que temos que ter a proteção absoluta para crianças e adolescentes, mas eles precisam ser educados para o desenvolvimento da autonomia e da habilidade. A questão da proibição pode trazer a vontade de quebrar a regra, de burlar. É melhor educar.

Acha que é paradoxal a mensagem de demonização das tecnologias ao mesmo tempo que se diz também às novas gerações que o futuro será digital e eles precisam estar preparados para isso?

É preciso educar para o uso da tecnologia. Ou você desenvolve essas habilidades ou está totalmente excluído. Vai aumentar ainda mais o gap (*lacuna*) entre quem tem educação digital e midiática de quem não tem. O mercado de trabalho tem toda a discussão sobre as profissões do futuro, das que não existirão mais. E todas são baseadas em programação, computação, resolução de problemas, no uso do digital, da tecnologia. E aí a gente está dizendo: vamos proibir. Nessa discussão de que os riscos são muito maiores do que os benefícios há uma inversão. Precisa olhar os benefícios para proteger dos riscos. Não pode é deixar que a discussão sobre o uso seguro seja tão intensa a ponto de bloquear tudo, de não tratar do assunto da forma como se deveria, com a seriedade e a profundidade que deveria.

Quais são esses benefícios?

Uma vez que todos somos produtores e disseminadores de conteúdo a partir de ferramentas tecnológicas, a habilidade de usar bem essas tecnologias faz com se desenvolva a auto expressão, a fluência digital, a participação mais ativa na sociedade. Há protagonismo jovem nesse ambiente digitalizado, com a participação cidadã. Sem leitura crítica, sem fluência digital, não participo da vida democrática. O inverso é totalmente verdadeiro: se tenho habilidade crítica, a fluência digital e as habilidades

para analisar e produzir conteúdo, participo melhor desse ambiente. Veja as campanhas de doação, jovens se mobilizando para limpeza da escola, para fortalecer redes de apoio das minorias, combater a violência, movimento antiarmas, antirracista, para inclusão. Tem muita coisa positiva sendo criada a partir do domínio da tecnologia, das ferramentas de produção e difusão de informação. Claro que há o problema de saúde mental, mas também tem de olhar a metade cheia do copo.

Os professores estão preparados para fazer essa educação?

Isso é muito irregular. Há núcleos de qualificação que estão muito desenvolvidos. E tem outros que ainda sofrem com aquele medo de usar a tecnologia. Já diminuiu, mas ainda precisa de muita formação. O Educamídia (*programa do Instituto Palavra Aberta*) foi justamente pensado para formar o professor, não só para levar o conteúdo para o aluno, mas para ele mesmo ser formado. A gente percebeu que existia carência na formação desse professor e principalmente dos que estavam já no chão da escola há mais tempo. Não tinham tido nenhum tipo de educação digital e midiática. A gente tem discutido muito sobre a necessidade da mudança dos currículos dos cursos de pedagogia e de licenciaturas em geral, porque o professor já tem de sair com essa capacidade. Não dá mais para ter só o laboratório de informática ou de robótica na escola. Todo mundo tem de entender de tecnologia, do mundo digital, de educação midiática.

E como as plataformas de internet poderiam colaborar nesse processo de educação?

As plataformas poderiam, de forma mais intensa, ensinar como fazer o controle parental, o tipo de navegação segura para cada idade. Ter uma atitude mais proativa nesse sentido. Elas têm lá o programa e tal, só que quando você entra no site, até chegar ao controle parental é difícil. Há agora esse lançamento da conta de adolescente do Instagram, que começa em janeiro no Brasil, com bloqueios e monitoramento dos pais, é um caminho para isso, mas tem de ter divulgação ampla, eventos, campanhas publicitárias para ensinar o uso.

O que acha da comparação entre celular e cigarro, pelo questão do vício?

Não gosto nada da afirmação de que o celular é o novo cigarro. É uma comparação simplista. O celular com internet tem coisas muito positivas e o cigarro não tem nenhuma. Além disso, há mais de 20 anos é proibida a publicidade do cigarro, da venda para menores de 18 anos. E quantos jovens estão começando a fumar? É preciso mostrar as consequências, falar sobre o impacto, sobre riscos. Se proibir resolvesse, não tinha mais fumante em porta de escola, não tinha vape (*cigarro eletrônico*) que está sendo vendido mesmo proibido. O celular vicia, mas principalmente

se não tem o uso consciente. O celular virou o vilão do uso da tecnologia. O vilão anterior era o vídeo game; e o anterior, a TV. E tudo isso a gente aprendeu a usar, ver o lado positivo, desenvolveu a habilidade crítica para poder fazer bom uso.

Mas agora há os algoritmos, que têm maior poder viciante, que levam a polarização, ao extremismo...

Se você não é educado para isso, se não está alerta a essas questões, você de fato acaba se viciando. Tudo isso é muito recente para só olhar a metade vazia do copo. Tem de olhar também a parte cheia e o que a gente pode melhorar nas habilidades de uso seguro e responsável para que não deixe que só o lado negativo afete a gente.